

Evanildo Bechara

ESTUDOS
SOBRE
A
SINTAXE NOMINAL
NA
PEREGRINATIO AETHERIAE

Trabalho apresentado para o
concurso de provimento da Cátedra
de Filologia Românica da Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade do Estado da
Guanabara.

Rio de Janeiro

1963

I – MUDANÇA DE DECLINAÇÃO

2ª decl. 1ª decl.

A *Peregrinatio* nos atesta com dois vocábulos o fenômeno antigo da relação íntima entre o nominativo-acusativo plural neutro e as formas singulares de tema em *-a* empregadas como coletivo, o que constituiu um dos processos mais fortes para a eliminação gradual de neutro latino nas línguas românicas¹.

a) Uirgulta, ae – Frequência: 1 vez

“qui rubus usque in hodie uiuit et mittet uirgultas” (4,7).

b) Statiua, ae – Frequência: 3 vezes

“necesse me fuit ibi facere statiuam” (18,1); “ut statiuam (A *statiua* ou *itativa(m) triduana(m)?*), quam factura eram, ibi facerem” (23,2); “ubi facta statiuam triduana” (23,6).

A nossa autora emprega 1 vez o plurale tantum *statiua, -orum*: “necesse me fuit ibi *statiua triduana facere*” (19,3).

¹ Cf. Joh. Schmidt, *Plur.*; Meillet, *Innov.*, 12 e ss.; Prugmann, *Kurze*, § 435 (p. 355) que judiciosamente declara: “Die Formn auf *-ã* waren also von Haus aus weder singularische noch pluralische kollektive, sondern kollektiva schlechthin, die nach Bedürfniss bald singularisch bald pluralisch gefasst wurden”. Para o problema do destino do neutro nas línguas românicas, veja-se W. Meyer (Lübke), *Schicksale e Löfstedt. Lommenter*, 135-136.

II – GÊNEROS

a) – Para a passagem do neutro plural em *-a* para o feminino singular da 1ª declinação veja-se o que dissemos no parágrafo anterior.

b) O nosso texto registra vários exemplos da passagem de nomes neutros para masculinos, na 2ª declinação, fenômeno que marca uma característica da língua latina vulgar de todas as épocas.

1 – *Canticus* em vez de *canticum* – Freqüência – 2 vezes

“ubi locutus est Moyses in aures totius ecclesiae Israhel uerba cantici usque in huius...” (10, 6); “nec non etiam et canticus ipsius...” (10,7).

2 – *palatius* em vez de *palatium* – Freqüência – 1 vez (contra 9 a vafor da forma neutra: 14,2; 14,15; 19,6; 19,7; 19,7; 19,14; 19,14; 19,15; 19,15):

“ad illum palatium superiorem” (19,18)

3 – *pulpitus* em vez de *pulpitum* – Freqüência – 1 vez

“Intra quam ecclesiam, in eo loco, ubi pulpitus est...” (12,1).

4 – *territorius* em vez de *territorium* – Freqüência – 1 vez (contra 1 a favor da forma neutra: 7,1).

“pulchriorem territorium puto me nusquam uidisse...” (9,5)

O *Formenlehre* (I, 789-808) de Neue-Wegener dá-nos uma lista numerosa de nomes da 2ª decl. que admitem a dualidade de formas, uma em *-us*, outra em *-um*, com documentação a partir de Plauto.

Petrônio, falando por si ou através de seus personagens, nos presenteia com vários exemplos: *caelus*, *candelabrus*, *balneus*, *fatus*, *fericulus*, *lasanus*, *lorus*, *uasus*, etc. Em alguns destes (*caelus* e *fatus*) a mudança de gênero talvez tivesse sofrido influência da personificação (cf. Perrochat, *Pétrone*, 37).

Rönsch registra muitos exemplos deste fenômeno no latim da *Itala und Vulgata*: *castellus*, *faenus*, *fanus*, *firmamentus*, *iuventus*, *lignus*, *membranus*, *signus*, *staticulus*, *templus*, *uerbus*, *uinus*.

c) – *Dies*

Das 204 passagens em que, na *Peregrinatio*, aparece o vocábulo *dies*, é empregado como masculino singular 9 vezes e 195 como feminino.²

O termo originalmente era apenas masculino; só mais tarde aparece como feminino – inicialmente na significação jurídica de “prazo”, “termo” –, não só pela harmonização com os nomes femininos em *-ies*, mas também por influência do substantivo feminino. Quanto a esse substantivo, os especialistas não têm estado de acordo. Para Delbrück, (*Vergl. Synt.*, I, 122), seguido por Brugmann (*Kurze*, § 436, 5), Lindsay (*Lat. Sprache*, 423, n. 1) e Ernout-Meillet (*Dict. Étym.*, s. n., que acrescentam *lux*) o responsável é *nox*. Kretschmer (*Glotta*, I, 331 e ss.) acredita numa influência de *tempestas*³. Löfstedt (*Kommentar*, 194-195) crê mais evidente a proposta de Kretschmer⁴, mas também não despreza a importância que, para a mudança de gênero, poderia ter exercido o vocábulo *hora*, de várias vezes se acompanha nas *Tabellae Defixionum*.

O certo é que o gênero feminino passou a ser o mais freqüente, maxime nos autores que se exprimiam em latim coloquial⁵.

As línguas românicas guardaram os dois gêneros que o latim conhecia:

	português	día
	espanhol	día
	antigo francês	di
Masculino	italiano moderno	dì
	antigo italiano	dia
	catalão	dia
	rético	di
Feminino	romeno	zi
	sardo	die

Não menos interessante é a repartição genérica que as línguas românicas fazem das expressões latinas *dies dominicus* e *dies dominica*. A explicação mais cômoda seria inicialmente pensar na duplicidade de gênero de *dies* em latim; mas já está assentado que a escolha entre *dominicus* e *dominica* nem sempre coincide com a fixação de *dies* como masculino ou feminino, respectivamente. Assim é que enquanto na Itália *dies* é mais usado como vocábulo masculino⁶, em toda a península só se diz *la domenica*⁷.

² Por lapso, Geyer, no Index, diz que só há dois exemplos de *dies* como masculino, o que mereceu a justa correção de Löfstedt, *Kommentar*, 192.

³ Skutsch (*Glotta*, II, 377) junta exemplo de Plauto (*Most.*, 18) em que *tempestas* está por *dies*.

⁴ É lição também aceita por Walde-Hofmann, L.E.W., s. u.

⁵ - Nas cartas de Cícero, aproximadamente, para cada 22 exemplos de *dies* como masculino aparece 1 do vocábulo como feminino. Tácito também o emprega preferentemente no masculino, salvo no ablativo *postera die*, sem dúvida porque a expressão se cristalizou para denotar o prazo. *Postero die* ocorre neste autor, mas com muito menos freqüência.

⁶ Ocorre como feminino, por exemplo, no Lácio meridional, na Apúlia, Calábria e Sardenha (Rohlf, *It. Sprache*, II, 89).

No tocante a estas duas expressões a România se acha repartida em duas regiões: uma que abarca as línguas ocidentais (português o *domingo*, espanhol *el domingo*, catalão *el diumenge*, provençal *Lou dimenche*, francês *le dimanche*) e outra centro-oriental, abrangendo a Itália (com a Córsega, Sardenha e Sicília), a Récia e a Romênia, que adota o feminino. Junta-se ainda a esta segunda região o francês de Lyon e a parte sudeste da Suíça.

Rohlf's (*Diferenciación*, 48), de quem extraí a repartição geográfica acima, lembra que o grego eclesiástico designa o dia do Senhor (κυριακή ἡμέρα) com uma palavra que era feminina, de modo que se pode explicar a presença deste gênero nas línguas onde o influxo do grego eclesiástico foi mais profundo⁸.

⁷ Dessarte se há de pôr nos seus devidos termos o que nos diz Meister, *Itin.*, 376, quando trata do assunto.

⁸ Bruppacher, citado por Rohlf's, verificou que *dies dominica* apareceu quase um século mais tarde (aproximadamente no ano 300) do que *dies dominicus*.

III – NÚMERO

a) *Plural pelo singular: in cocleas*

A expressão aparece sempre no singular: *in coc(h)leam* ou *per coc(h)leam*⁹, da qual Celso nos oferece o exemplo mais antigo: “Prima brevissima adhibenda, quae circa fracturam ter voluta, sursum versum feratur et quasi in cocleam serpat” (*De Medicina*, VIII, 10,1 ed. Spencer, Loeb).

A significação primitiva é *escada de caracol*, de modo que Wölfflin, com razão corrigido por Löfstedt, traduz mal por “langsam wie Schnecken” o único exemplo da expressão que ocorre na *Peregrinatio*: “Qui montes cum infinito lebore ascenduntur, quoniam non eos subis lente et lente per girum, ut dicimus *in cocleas*, sed totum ad directum subis ac si per parietem” (3,1).

O curioso desta passagem é que o substantivo aparece no acusativo plural, exemplo único conhecido até hoje. Geyer relaciona o nosso trecho com outro muito semelhante do *Liber de locis sanctis* de Petrus diaconus, só que não aparece o acusativo: “Montes uero, qui in circuitu sunt, cum maximo labore ascenduntur, quoniam non ascenduntur per girum in cocleis, sed directe ascenduntur ac si per parietem et directe descenduntur” (C.S.E.L., XXXIX, 120,15).

Diante do inusitado da expressão no plural, e pelo paralelo com *per parietem*, propõe Löfstedt a lição no singular *in coclea*.

b) – *Emprego do singular em sentido coletivo*

O latim coloquial, desde os tempos mais afastados, revelou acentuada preferência pelo emprego de certos substantivos que no singular denotam idéia coletiva ou genérica. Esta prática abarcava três grupos de substantivos: os nomes de povos, certas expressões técnicas e expressões da língua popular: *Romanus* por *Romani*, *miles* por *milites*, *pilus* por *pili*. São visões coletivas por prismas singulares, de que estilistas latinos tiraram inteligente proveito, como, por exemplo, em T. Livio e Tácito nas suas narrações animadas. Na época clássica este emprego coletivo do singular quase se restringia à língua coloquial, mas com os poetas da época de Augusto – mormente Virgílio e

⁹ *Coclea* é um antigo empréstimo grego através, com toda certeza, da linguagem médica e da culinária. Cedo perdeu a aspiração traduzida na escrita pelo *h*. Cf. Lindsay, *Lat. Spr.* § 60, pág. 69 e Ernout, *Aspects*, 54 e 62.

Horácio – e, na prosa, com Tito Lívio, Cúrcio e Tácito, tomou incremento e chegou vitorioso ao latim tardio e línguas românicas (português *cortar o cabelo*, francês *chasser le lion*, etc)¹⁰.

Tácito, para citar um só exemplo, em referência a pessoas, usava de *miles, eques, pedes, hostis, Armenius, Parthus, Sarmata, Samnis Paelignusque*¹¹.

Löfstedt (*Kommentar*, 178-179; *Syntactica*, I, 21) cita um fato curioso que atesta a popularidade do emprego do singular em sentido coletivo: a quase todo singular coletivo usado na *Mulomedicina Chironis* corresponde um plural na refundição literária que Vegécio, no século IV, fez do conhecido tratado de veterinária¹². É instrutivo o seguinte confronto:

<i>Mulomedicina Chironis</i>	<i>Vegécio</i>
ubi pilus non est (c. 25)	ubi pilos non habet (I, 27,2)
aduersus pilum perfricabis (43)	contra pilos (II, 82,1)
gracilis fiet et pilo horribili (169)	horrentibus pilis (I, 3)
defricabis aduersum pilum (401)	aduersum pilos (II, 89,3)

A autora da *Perigrinatio* emprega dois substantivos no singular como significação coletiva:

a) *lapis* – Frequência: 1 vez

“de quibus abitationibus usque in hodie adhuc fundamenta parent, quemadmodum fuerunt lapide girata” (5,5)

b) *Miles* – Frequência: 2 vezes (contra 3 exemplos de plural 7,2; 9,3; 9,3):

“Nam castrum est ibi num habens praepositum cum milite, qui ibi nunc praesidet pro disciplina romana” (7,4).

“Ipsa etiam ciuitas habundas multitudine hominum est, nam et milos ibi sedet cum tribuno suo” (19,1).

¹⁰ O fenômeno é conhecido de outras línguas, de modo que não pretendo aqui afirmar que o fato românico se explica pelo latim. Tem justa razão o que diz Löfstedt nesta nota: “Inmerhin ist es nicht ganz sicher, dass der frz. Sprachgebrauch hier direkt an den lateinischen anknüpft; er kann auch selbständig entstanden sein (vgl. schwed. *jaga björn, skjuta hare* usw. mit ganz ähnlichem Singular” (*Syntactica*, I, 18 n. 1).

¹¹ Cf. Constans, *Tacite*, § 19, que cita exemplos onde o plural também ocorre. Riemann, *Tite-Live*, 37-50 apresenta uma lista exaustiva em Tito-Lívio e outros autores, aumentando, ainda, a lista que Dräger nos ministra a respeito do fenômeno em Tácito.

¹² Grevander, *Mulomedicina*, 60 e ss, faz uma longa resenha das divergências lingüísticas(pedir ajuda ao Rosalvo).

IV – SENTIDO ABSTRATO PARA O CONCRETO

Com razão nos ensina Ernout (*Aspects*, 179) que “L’esprit a une tendance naturelle à désigner par le même terme une activité ou un état, et l’objet que lui correspond, ou qui en est le produit, ou la persona en qui cette activité s’incarne”. São numerosos os vocábulos abstratos que no latim passaram por um processo de concretização, e, muitas vezes, só nesta segunda acepção chegaram às línguas românicas. Lembro aqui alguns termos que mereceram a atenção de Ernout, no citado artigo: *inuentus* (os jovens), *senectus* (os velhos), *civitas*, (conjunto de cidadãos e cidade), *dormitio* como sinônimo de *dormitorium*, *hostilitas* (a guerra ou os inimigos), *claritas* (uma luz), *oratio* (o oratório, *Per, Aeth*, 3,6), *martyrium* (o mártir ou o lugar onde são enterrados) etc., além do uso de abstratos como nome de batismo (*Felicitas*).

Destaco desta relação o vocábulo *oratio* da *Peregrinatio* que aparece no códex Aretino: “statim sancti monachi pro diligentia sua arbusculas ponunt et pomariola instituunt vel orationes et iuxta sibi monasteria”.

A piedosa peregrina relata o trabalho insano dos monges que, habitando na região árida do Monte Sinai¹³, agricultavam o espaço próximo aos pés das montanhas. Ora, a lição *orationes* que Geyer agasalha e relaciona com o grego προσευχαί (=oratórios), não foi aceita por Wölfflin (*Archiv*. IV, 267) que, por sua vez, propôs a emenda para *arationes* (=terras cultivadas), que melhor condizia com a narração da peregrina. A nova proposta foi defendida por Heraeuz e aceite por Löfstedt e há pouco pela competente Helène Petré, embora esta última tomasse como texto principal a edição de Geyer.

¹³ Nas Escrituras Sagradas *Sinai* é sinônimo de Horeb (por exemplo, III, 1; *Deut.*, IV, 10), que significa *árido, deserto*.

V – CASOS

A) *Nominativo*

1- **Nominativo denominativo com valor universal**

Não raro a língua familiar usa o nominativo de nome próprio ou título tomado materialmente depois dos verbos que denotam *dar nome a alguém, apelidar, chamar*, embora a norma gramatical clássica esteja a exigir outro caso, conforme a função sintática desempenhada na oração¹⁴: “cognomen habuit Corcinus” (*Ps. Quadrig. Hist.* 12); “cum dico ‘princeps’” (*Plin., Epist.* 3,2,2); “quod alius evangelista dixit spiritus dei, alius dixit digitus dei” (*S. Agost., Serm.* VIII, 11,14); “nunc autem universa dispensatio, quod dicit Grecus aconomia mundi, semper gubernatur” (*Didasc. Apost.,* 54, 15)¹⁵; “imposuit Simoni nomen Petrus” (*Vulgata, Marc.* 3, 16).

Svennung (*Untersuchungen*, 174) mostra-nos que o fenômeno também aparece nos escritos sobre assuntos técnicos, mormente com os nomes estrangeiros, que, sem dúvida, menos resistência ofereciam a este uso ilógico do nominativo: “Ampelu leuces, quae et brionia uocatur, quam rustici cocurbita silbatica appellant: cimas eius siedantur urinam mobent” (*Uribas.*); “agrestis uero picris aut cicorion appellant” (*Diesc.*).

Dos poetas da boa latinidade só conhecemos três exemplos – dois de Ovídio e um de Propércio: “est via sublimis, caelo manifesta sereno; lacteoa nomen habet, candere natabilis ipso” (*Metam.*, I, 169); “vetus illa aetas, cui fecimus aurea nomen” (*Ibid.*, XV, 96); “resonent mihi ‘Cynthia’ silvae” (*Eleg.*, I, 18, 31).

A *Peregrinatio* não desconhece tal uso do nominativo; assim é que dele nos dá oito exemplos; testemunha evidente do seu curso vitorioso no latim tardio: “per ualle illa, quam dixi ingens” (1,2); “Heroum... nunc est come, sed grandis, quod nos dicimus uicus” (7,7); “...dentros alethiae, quod nos dicimus arbor veritatis” (8,4); “...quod nos dicitis latine hortus sancti Iohannis” (15,3); “unde ille habuit nomem Helias Thesbitos” (16,1); “quod hic appellant eortae, id est quadragesimas” (27,1); “qua itratur in septimana paschale, quam hic appellant septimana maior” (30,1); “superat illa una septimana paschalis, quam hic appellant septimana maior” (46,5).

¹⁴ Estrairo os exemplos de Schmalz-Hofmann, *Latein. Gram.* 375; Löfstedt, *Kommentar*, 50; *Syntactica*, I, 76 e ss.; Bassols, *Sint. Hist.*, I, 110 e ss.; *Sint. Lat.*, I, 37-38. Kuhner-Stegmann, *Lat. Sprache*, II, 1, 254-255 dão-nos numerosos exemplos da construção normal e clássica.

¹⁵ Com razão Tidner (*Sprach. Komm.*, 229) considera desnecessária a correção do editor Hauler para *oekonomiam*.

O fenômeno é conhecido das demais línguas indo-européias e o alemão ainda hoje atesta o emprego deste nominativo universal com nomes de pessoa. Tratando das línguas de flexão que apresentam alguns casos de não-flexão, H. Paul, *Prinzipien*, 305 lembra-se do assunto nas seguintes linhas: “In einem Satze wie *man nennt (heisst) ihn Friedrich* kommt dem Namen eigentlich kein Kasus zu, es sollte der bloße Stamm stehen; auch kann man *Friedrich* und andere Eigenamen, die kein Kasuszeichen enthalten, als Stamm, als absoluten Kasus auffassen”.

O antigo francês e o antigo provençal guardaram este uso donominativo com *avoir nom*: “Gruenes oth num” (*S. Léger*, v. 175); “Sire, jo ai num Carles (*Pèlerinage de Charlemagne*, v. 151); “A 1 comte qu’a nom n’Ugos” (*V. v. Born.*, 142, v. 42)”¹⁶.

Nota-se, no antigo francês, certa hesitação entre o nominativo e acusativo, assim é que se lê nos vv. 56 e 227 de *S. Léger*: “Ciel eps num auret Evrui” e “Lo quarz, uns fel, nom a Vadart”.

¹⁶ Os exemplos são apresentados por Nyrop (*Gram. Hist.*, V, 129), para o francês, e Meyer-Lübke (*Grammaire*, III, 49), para o provençal. Este último reúne, sem razão, tal uso do nominativo ao que aparece na expressão pronominal *clamat se victus*. Veja-se Norberg, *Synt.*, 72-73.

2) – Nominativo absoluto

Sem dúvida preso a uma antiga construção anacolútica – em que um termo assumia, no início da oração, todas as características de ser sujeito de verbo que se esperava fosse posteriormente enunciado (*nominativo pendens*) -, desenvolveu-se o chamado *nominativo absoluto*. Consiste esta construção no emprego de um particípio em nominativo com função de um ablativo absoluto, portanto, com o valor de uma oração autônoma. Tal linguagem é comum às demais línguas indoeuropeias e, no latim, data de época afastada, segundo se depreende deste exemplo citado por Ernout-Thomas, *Synt. Lat.*, 12: “Hi contemntes eum, assurgere ei nemo uoluit” (*Calp. Pis.*, 27)¹⁷

Ausente na prosa clássica, o nominativo absoluto se desenvolveu no latim vulgar e tardio. Na *Peregrinatio*, por exemplo, ele aparece com frequência: “Ac sic ergo facientes iter singulis diebus...” (16,4); “et benedicens nos episcopus profecti sumus.” (16,7); “et legit nobis ibi ipsas epistolas et denuo benedicens nos facta est iterata oratio” (19,16); “et sic benedicens nos episcopus egressi sumus feras.” (20,3); “et sic exiens de (intro) cancellos similiter ei ad manum acceditur.” (24,3); “ad salutem sibi unusquisque nostrum credens profuturum” (36,5).

Bassols comenta com segurança um tipo de linguagem que prenuncia o emprego de tais nominativos absolutos:

Existem unos giros, que podríamos llamar intermedios absolutos: “Existem unos giros, que podríamos llamar intermedios entre los participios absolutos y los participios concertados, que permiten comprender como se producen estos anacolutos. El escritor usa un participio en plural porque se refiere a sí mismo al mismo tiempo que a otras personas que con el participaron en la acción, mas luego en el discurso de la frase cobra especial importancia su propia actividad y, prescindiendo de las otras personas, utiliza ya el singular; por ejemplo: *Pereg. Aeth.*, 9,7: “Proficiscentes ergo de Tathmis, ambulans per iter iam notum pervini Pelusio¹⁸. El participio proficiscentes no es todavía absoluto en cuanto concierta, sino en número, por lo menos, en persona con el sujeto de la acción verbal. Es suficiente, por tanto, un paso más (no concordancia con la persona) para que los participios adquieran el significado de absolutos (*Sint. Hist I*, 116-117).

¹⁷ Schrijnen, em *Neophil.*, 11, 218 e ss, acredita que documenta o emprego do nom. abs. o seguinte exemplo das XII Tábuas, 1,7: “com peroranto ambo praesentes”. A *Sintaxe* de Schmalz-Hofmann, 450, não aceita a lição, que vem de novo defendida num livro mais recente de Schrijnen-Mohrmann, *Synt. Cypr.*, 37: “Wie Schrijnen... findan wir bereits in den Leges XII tabb. 1,7... einen richtigen *Nom. Abs.*, sei es nun dass wir ihn als eine parenthetische Einschaltung oder als einen appositionellen Nachtrag betrachten”.

¹⁸ É interessante confrontá-lo com o exemplo em contrário que ocorre em 10,3: “Profisciscens ergo Ierusalima faciens iter cum sanctis... peruenimos ergo...”.

Esta construção do nominativo absoluto é, na *Peregrinatio*, um pouco mais freqüente que a do acusativo absoluto: “Ac sie ergo uisa loca sancta omnia, quae desiderauimos, ... uisis etiam et sanctis uiris, qui ibi commerabantur, in nomine Deu regressi sumus in Faran” (5,11).

Visa loca pode ser interpretada como um nominativo (como queria Grandgeant, *V. Lat.*, § 97, seguindo, conforme dá a entender, a lição de Bechtel); mas o melhor caminho é sem dúvida o apontado por Löfstedt, que vê aí um emprego do acusativo absoluto”.¹⁹

Abro aqui um parêntese para lembrar que o acusativo absoluto é sintaxe amplamente documentada em românico, não havendo dúvida, como demonstram autoridades como Biese e Norberg²⁰ que, embora favorecida pela confusão com o ablativo, tem origem independente. Estas construções absolutas aparecem nos seguintes exemplos românicos: “Païen cheval chent par ces greignurs valees *Halbercs vestuz ... Healmes lacez e ceintes lur espces*” (*Roland*, 710 e ss); “Juntas ses mains est alet a sa fin” (*Id.*, 2392); “io era ritto sul finestrone, le braccia tra le barre, le mani incrocicchiate” (S. Pellico, *Prig.* 34); “huelhs ubertz es dormens” (Reymnouard, *Choix de poésies originales des troubadours*, 3,390); “recibolo Cid, abierto amos los braços” (*Cid*, 203); “cavalgó Minaya el espada en la mano” (*Id.*, 756); “Não acabava, quando húa figura/ Se nos mostra no ar, robusta e válida./ De disforme e grandíssima estatura/ O rosto carregado, a barba esquálida:/ Os olhos encovados, e a postura/ Medonha e má, e a cor terrena e pálida,/ Cheos de terra e crespos os cabelos,/ A boca negra, os dentes amarelos” (Cam. *Lus.*, V, 39).

Os exemplos de acusativo absoluto são numerosos e freqüentíssimos em Gregório de Tours: “Mulieres similiter indutae nigris palleis, dissolutas crinas, plangentes sequebantur” (*Lib. Hist. Francorum*, A 26, pág. 284,8); “Sed ille frater, manus suas ad latum suum extensas, oculos clusos, coepit semivivus iacere” (*Visio Baronto*, 7 séc., Mon. Germ. Mer., V pág. 378,8); “His dictis, omnibus extra cobiculo, cietos, prostravit se terro extensa brachia in cruce, orationem fundens cum lacrimis” (*Vita Landiberti*, 8 séc., Mon. Germ., Mer., VI pág. 370,9).

¹⁹ Cf. ainda Biese, *Akkus. Abs.*, 19-20, que apresenta a hipótese de se considerar *uisa sancta omnia* como uma oração nominal.

²⁰ Cf. deste último *Synt. Forsch.*, 87 e ss donde extraio a maioria dos exemplos. Vejam-se ainda Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, págs. 51 e 477-8 (que neste segundo trecho retoca seu modo de pensar) e Diez, *Grammaire*, III, 111-112.

c) *Genitivo*

1) **Genitivo X adjetivo**: dies dominica

Löfstedt, *Syntactica*, I, 119, nos ensina que a autora da *Peregrinatio* prefere o genitivo ao adjetivo²¹, de modo que só emprega *montem domini*, *maiestas domini*, *epistolam domini*, *resurrectionem domini*, *nomine domini*, *verba domini*, *passione domini*, *corpus domini*, *ascensu domini*, *crux domini*.

Faz exceção a esta prática a expressão para o domingo – *dies dominica* ou *dominicas dies* -, que aparece no texto 37 vezes²²: 3,1; 24,8; 25,1 (três vezes); 25,6 (duas vezes); 27,1 (duas vezes); 27,2 (três vezes); 27,3 (três vezes); 27,4; 27,9 (duas vezes); 28,1; 28,2; 30,1 (duas vezes); 30,3; 39,2 (duas vezes); 39,4; 40,1; 40,2; 41,1; 43,1 (duas vezes); 43,2; 44,1; 44,2 (três vezes); 44,3.

Löfstedt, inicialmente, (*Kommentar*, 76 e ss.) acreditara que o uso do adjetivo fosse uma característica da língua vulgar, mas, depois (*Syntactica*, I², 107 e ss.), dada a ausência destas linguagens na *Peregrinatio* e em outros documentos, atribuiu o fato a tendências oratórias e artificiais.

Schijnen-Mohrmann, *Studien*, I, 89 e ss., contrariando a lição do sábio latinista sueco, mostraram que o uso do adjetivo era, realmente, no início, um elemento artificial que se obliterou com o continuar do tempo – mormente na língua corrente dos cristãos. Quanto à expressão *dies dominica*, sabemos que passou à língua corrente, e as línguas românicas dão prova sobeja desta vitalidade.

Em artigo posterior²³, a notável discípula de Schrijnen mostrou que ocorre, em todos os períodos da latinidade cristã, uma preferência pelo emprego do adjetivo em lugar do genitivo adnominal, desde Tertuliano aos documentos tardios como a Regra de S. Bento e os trabalhos de Gregório Magno. Diante da frequência do adjetivo nas obras em língua culta ou coloquial, não se pode aceitar a tese de Löfstedt, mas, ao contrário, temos de concordar com a conclusão oposta de Mohrmann, isto é, que o emprego do genitivo adnominal é que é um dos elementos artificiais da língua e do estilo do itinerário de Etéria.

²¹ Tal prática é antiga; Wackernagel, num artigo intitulado *genitivo und Adjektiv* (cf. *Kleine*, II, 1346 e ss) mostrou que o emprego do adjetivo é anterior ao do genitivo.

²² Löfstedt, corrigindo Geyer (que encontrara 29 exemplos), aponta, por engano, 36 exemplos. *Syntactica*, I, 118-119. A contagem de Corde, *Lexicon*, está correta.

²³ Chr. Mohrmann, L'adjectif et le génitif adnominal dans le latin des chrétiens (*Mélanges Marouzean*, 437 e ss.).

L'usage d'Aetheria – termina a mestra citada – coincide ici avec celui de la poésie traditionnelle; cette pèlerine un peu précieuse évite – comme les poètes – des expressions qui, tout en étant originaires d'un caractère littéraire ou même oratoire, sont devenues plus ou moins banales par l'usage quotidien (*ibid.*, 443)²⁴.

²⁴ Dessarte podemos dispensar a explicação seguinte: "mas tal hecho (o uso de *dies dominica* por *dies domini*) tiene fácil explicación, la cual, corrobora quanto venimos diciendo acerca de la impopularidade que tenía el uso del adjetivo em vez del genitivo; se trata em esto caso de una palabra de carácter elcesiástico; ahora bien, es sabido que la Iglesia, al objeto de reedear a sus instituciones del mayor prestigio posible, rehuyó siempre designar las mismas com términos corrientes que pudieran sugerir en el animo de los fieles asociaciones com conceptos profanos o vulgares; por ello, para designar el día consagrado al Señor, no se atuvo a la forma habitual, sino que adrede buscó una expresión que se separara del común y general modo de decir." *Bassols, *Sint. Hist.*, I, 250-251).

2 – Genitivo para indicar o ponto de partida da determinação temporal

Na *Peregrinatio* ocorre o *genitiuus relationis* empregado para indicar o ponto de partida da idéia temporal. Ocorre este caso em geral não só com o advérbio *pridie*, *postridie* mas ainda com substantivo que encerre uma idéia de tempo, como *dies* (a época pósclássica permitia já qualquer substantivo), preso às preposições *ante*, *post* e *intra*. Dos dois exemplos existentes, um (29,5) é de transcrição, como veremos: “Haec est ergo uallis, ubi celebrate est pascha completo anno profectionis filiorum Israhel de terra Aegypti” (5,9); “Cum uenisset Iesus in Bethania ante sex dies paschae...” (29,5)²⁵.

Este emprego do *genitiuus relationis* não é rara nos autores do latim tardio, e representa uma continuação legítima de antiga construção da qual Catão já nos dá o seguinte exemplo: “postridie eius diei vilicum vocet...” (*De Agr.*, 2,1).

Löfstedt, *Kommentar*, 150, lembra as passagens: “post horas potionis digestae”²⁶ (M. Chiron. 446); “post aliquot dies partus” (Soranus, *Gynaec.*, I, 71); “ante biennium inruptionis” (Oros., VII, 40 3); “primis diebus sui natalis Antoninus est appellatus” (Jul. Capit. Gord. Tres, 17, 5); “Tertia die natiuitatis domini nostri Iesu Christi beatissima Maria egressa est de spelunca” (Mat., Euang. 14).

²⁵ Cf. “Iesus ergo ante sex dies Paschae venit Bethaniam” (N. Test João, 12, 1) e o texto grego πρὸ ἐξῆμερων τοῦ πάσχα). A grande aplicação que este emprego do genitivo conheceu no latim tardio se deve também em parte, à influência dos escritores gregos que muito o usavam. Não quero, entretanto, dizer com isto que concordo com Schulze (*Graeca Latina*), 18) que via nestas linguagens um grecismo. Contra tal mestre se insurgiram, com razão, Schmalz-Hofmann, *Lat. Gram.*, 395, Löfstedt, *Kommentar*, 150 e Schrijnen-Mohrmann, *Studien*, I, 89).

²⁶ Isto é, *algumas horas depois*. Para o valor de *horae* = *aliquot horae* cf. Löfstedt, *Glotta*, III, 27-28 e *Vermischte Studien*, 73 e ss.

3 – Genitivo definitivo: de terra Aegypti

Ao lado da antiga construção apositiva *urbs Roma* a última fase do período republicano conheceu a linguagem com genitivo explicativo ou definitivo *urbs Romae*. Assim no *Bell. Afr.* encontramos: “ex oppido Thysdrae” (36,2); “in oppido Uzitae” (58,4); “ad oppidum Paradae” (87,1); “in oppido Zamae” (91,2)²⁷.

César e Cícero desconheciam este modo de dizer que a latinidade tardia usava, mormente com os substantivos *terra*, *regio*, *pars* e *locus*, fazendo nisto um emprego mais largo derivado do genitivo possessivo com nomes de lugares.

A cronologia faz-nos rejeitar a hipótese que Meyer-Lübke formulara (GRM, I, 68) para a origem deste genitivo explicativo: “Romae de *urbs Romae*, segundo ele, não passava de um locativo apositivo, cujo modelo inicial seria (in) *urbe Romae*. Posto de lado o locativo, interpretou-se o nome como genitivo, confundindo-se a idéia de “na cidade, em Roma” com “a cidade de Toma”. O ponto fraco desta argumentação é que são tardios os exemplos deste genitivo, não existindo rastros dele no latim arcaico.

A *Peregrinatio* nos mostra a naturalidade deste uso do genitivo, repetindo a prática que a autora vira também seguida mais de uma vez no texto bíblico: “completo anno profectionis filiorum Israhel de terra Aegypti” (5,9). Cf. Num, IX, 1: “anno secundo, postquam egressi sunt de terra Aegypti...”; Marc. I, 5: “in Iordanis flumine” (gr ἐν τῷ Ἰορδάνῃ ποταμῷ).

Mais tardiamente substituiu-se este genitivo por uma perífrase com a proposição *de*, construção de que as línguas românicas fizeram largo uso.

Semelhante genitivo explicativo ocorre ainda com nomes de plantas e árvores, linguagem que se documenta a partir de Tito Lívio. Assim ao lado de *arbor olea* (Varrão, R. R., I, 2,20) surge a construção *arbor fici* (Columela, 5,11,14), de que a *Peregrinatio* nos dá a seguinte documentação: “Et est ibi praeterea arbor sicomori” (8,3) e “ut etiam et de illa arbore sicomori” (8,5).

Seja-me lícito repetir aqui uma observação acidental de Löfstedt: mesmo estando o nome regente no plural, o genitivo permanece no singular: “abietis arboribus” (*T.*

²⁷ Keehler *apud* Löfstedt, *Kommentar*, 151; Schmalz-Hofmann, *Lat. Gram.*, 394-395. Certos autores reagem a este emprego do genitivo explicativo com nomes de lugares; assim é que Juret nota que Filástrius é parcimonioso (*Filastrius*, 201) e Schrijnen-Mohrmann dizem que em Cipriano não se atesta (*Studien*, I, 78). Bassols, *Sint. Hist.*, I, 260 o ss.

Lívio, XXIV, 3, 4). Esta invariabilidade do termo regido é, em geral, válida no uso românico.

4 – Genitivo X dativo: sed modo ibi accessus Romanorum non est (20,12).

O rigor gramatical pediria aqui o dativo *Romanis*, que aparece substituído pelo genitivo *Romanorum*.

Muitas vezes, no latim da decadência, aparece um nome [ou] um pronome na forma de genitivo, dependente de um substantivo, quando o normal seria o dativo, por funcionar lógicamente como complemento indireto de verbo. Tal fenômeno se prende a modelos esporádicos que datam da época clássica e que, talvez, já se tivessem iniciado em fase anterior; de qualquer maneira, só nos representantes do latim tardio, e ainda no merovíngio e medieval, é que tal linguagem se documenta abundantemente, como veremos mais adiante. Muitos editores, não dando conta de tal emprego do genitivo pelo dativo, têm insistido em emendar desnecessariamente a lição dos manuscritos. Assim é que Cratender propõe a correção *coniunctioni* para o seguinte exemplo de Cícero, numa carta de Luceio: “tecum vivere possem equidem et maxime vellem? Vetustas, amor, consuetudo, studia patria; quod vinclum, quaeso, deest nostrae coniunctionis” (*Epist. Ed Fam.*) V, 15,2)²⁸. Ainda em *De Fin.* II, 9,4: “Qualis ista philosophia est, quae non interitum afferat pravitatis”, a respeito do qual Madvig, na sua excelente edição, depois de comentar a desnecessidade da alteração para *pravitati*, remete o leitor para o § 242 n. 2, da *Gram. Lat.*: “Nas frases compostas (Theil traduziu melhor por “locutions périphrastiques”) o uso vacilla às vezes (cf. 241, obs. 3) entre o dativo, referido à phrase toda, e o genitivo, junto ao substantivo que é complemento objetivo, v. g. finem facere injuriis (pôr termo às injustiças), mas: finem facere scribendi (dar fim ao escrever, cessar de escrever).

Tito Lívio também conhece esta prática de linguagem: “locum seditionis quaerere” (III, 46,2) “merces seditionis proposita confestim seditionem excitavit” (VI, 27,9).

Wistrand (*Vitruviusstudier*, 88-89) nos adianta esses exemplos de Vitrúvio: “aedes deorum immortalium constituentes ita membra operum ordinaverunt, ut...” (III, 1, 9); “deorum immortalium templa constituentes coeperunt fana aedificare” (IV, 15); “ita indecens inter loconum proprietates status signorum publica civitatis vitium existimationis adiecit” (VII, 5,6).

²⁸ Löfstedt, *Syntactica*, I², 215 que cita vários outros passos de Cícero.

Do período posterior à latinidade clássica Löfstedt (*ibid.*, 215) cita várias passagens das quais lembrarei as seguintes: “oratoris vitium detexit et causae periclitantis argumentum adiecit” (*Val. Max.*, VIII, 10, 3) “ut ne caeli quidem asperitas ullum studii tempus eriperet” (Plínio, *Epist.*, III, 5, 15); “In hoc lenius versantur patres ...in quo est emendationis locus” (Quintiliano, *Declam. menores* apud Wahlén, *Declam. min.*, 126); “sanguis corrumpitur, discurrit per omnia membra et totius corporis languorem inferet” (*Mulom. Chrironis*, 4, passagem que foi retocada e normalizada na sua sintaxe por Vegécio, I, 21,3. “languorem... universo corpori... consuevit inferre”).

Tertuliano empregava com frequência o genitivo em tais condições; de uma lista longa de exemplos, mencionarei aqui apenas estes: “Itaque animae solius indicium praesidere” (*Res.*, 16); “Aut quam indignum deo dimidium hominem redigere in salutem, paene minus facere, cum etiam saecularium principium plena semper indulgentia vindicetur.” (*Ibid.*, 34); “Si quaecumque ratio praeest animarum humanarum recipiendarum in corpora, cur non in eadem substantiam redeant?” (*Apol.* 48, 2)²⁹.

Já lembrei que também se encontra fartamente documentado este genitivo nos escritos latinos da época merovíngia e medieval, de tal modo que nas *Formulae Marculfi*, por exemplo, chega a ser um dos traços característicos o emprego deste genitivo com função de dativo³⁰: “vas... unde egentum alimenta praeberentur” (*Vita Joh. Abbatis Reomaensis*, 13 – MGH., Mer. III, 512,19, ao lado de: “defer alimenta agenti, *ibid.* 512,27); “sacerdotem, cuius sollicitudinem de ipso castro commiserat (seipontifex)” (*Vita Gaugerici*, 2, *ibid.*, 652,15); “cuius victuria prestabatur ab Altissimo (sc. is) imperium ...recepit” (Fredegário, III, 64, ed. Krusch, 152,14); “quis tullit pauperi istius sacculum suum” (Greg. Tours. *Liber Hist. Franc.*, 255,21 – MGH, II).

São comuníssimas, nesses escritores, as formas pronominais *ipsius*, *istius*, *cuius*, plural *illorum*, *eorum* etc., em função dos dativos *ipsi*, *illi*, *cui*, *illis*, *eis* etc.

Interessa muito à filologia românica este uso do genitivo em função de dativo como italiano *loro*, francês *leur* (antigo *lor*), provençal *lor*, romeno *lor*, com valor de possessivo ou de dativo³¹.

Atenção especial merece-nos este caso, pois nem sempre são válidas as razões por que o explicam certas autoridades. Assim é que recordarei aqui o ensinamento de Meyer-Lübke (*Grammaire*, II, § 73, pag. 99):

Il est difficile de justifier para la syntaxe ce changement de sens (i. é. a forma de genitivo com valor de dativo): on en trouve plutôt l’explication pure et simple dans la conformation du mot: *illoru*, grâce à sa forme plus pleine, se prêtait mieux que *illis* à l’emploi de tonique; et cette dernière forme demeura exclusivement usitée comme atone.

²⁹ Exemplos em Thörnell, *Tertulliana*, I, 31-33; Löfstedt, *Zur Spr. Tert.*, 7 e ss.; *Id.*, *Syntactica*, I, 216-217).

³⁰ Uddhelm, *Formulae*, 69.

³¹ Falta esta forma na Península Ibérica, no rético, ao sul da Itália, na Sicília e na Calábria. O catalão *llur* e o aragonês *lur* são, sem dúvida, empréstimos medievais.

Ora, com apoio no que acabamos de verificar em longo espaço da história do latim e na sua transição para o romance, temos o direito de discordar de Meyer-Lübke, pondo de lado sua explicação por fonética sintática, preferindo, com Löfstedt, ver aí o vestígio do uso do genitivo em função de dativo³².

Outro fenômeno românico, de difícil indagação até agora, pode encontrar também aqui sua explicação verdadeira³³. Trata-se do *-s* final do antigo provençal *lieis*, forma oblíqua que alterna com *liei*, que se prende sem dúvida ao latim vulgar *illaeius*³⁴. Diz-nos Meyer-Lübke:

Une forme plus frappante encore que *ilh*, c'est celle du cas oblique qui s'y rattache, *lieis*, disparue maintemant sans laisser aucune trace, et qui réponde au gén. *Illaeius* rencontré dans les inscriptions. Mais que signifie un génitif dans un domaine qui connaît à peine le datif, et pourquoi le masculin n'offre-t-il pas une forme analogue?

A dúvida de Meyer-Lübke, quanto à forma no genitivo, desaparece quando se atesta o emprego deste caso não só como dativo, mas ainda, embora menos comum, como acusativo e ablativo, no latim vulgar³⁵.

Por fim, cabe ressaltar um ponto que mereceu a atenção do Lorch numa carta a Löfstedt³⁶, que este emprego do genitivo-dativo deixou traços profundos no romeno. Esta relação íntima dos dois casos foi posta em evidência por Tiktin no seu *Rum. Elementarbhch*, § 168:

Von diesen (i. é, os cinco casos do romeno: nominativo, genitivo, dativo, acusativo [e] vocativo) lauten Nom. und Akk. und abenso gen. und Dativ jedes Numerus stets gleich, wie das auch in Albanesischen und Neubulgarischen der Fall ist (alb. Nom. –AKK. *Gur* Stein, Gen. –Dat. *Guri*, nebulg. Nom. –AKK. *Nos* Nase, Gen. –Dat. *Na-nos*)³⁷.

Só não posso concordar com Lerch, quando declara que Tiktin pensava numa influência do albanês e búlgaro moderno para explicar a identidade do genitivo-dativo, diferenças apenas pelo artigo (declinação articular). Em ambos os lugares que citei, Tiktin apenas fez a comparação, sem nenhum outro intuito, como poderia agora eu dizer que esse desaparecimento do dativo em favor do genitivo também ocorreu em grego tardio.

³² *Syntactica*, I, 222 e *Late Latin*, 128. Também não é de aceitar a proposta exarada por Bourciez, *Éléments*, § 101 "a pu provenir (*illorum* por *illis*) d'une certaine façon d'interpréter les tours classiques comme *illorum interest*".

³³ Cf. Schultz-Gora, *Altprov.*, § 115: "in der Form *lieis* (*leis*) ist das *s* noch nicht befriedigend erklärt".

³⁴ Por engano, Bourciez usa asterisco em *illaeius* (*Ibid.* § 205, b).

³⁵ Cf. Pei, *Language*, 171, 2, citado por Löfstedt, *Late Latin*, 128 n. 3.

³⁶ *Syntactica*, I, 402.

³⁷ O mesmo em Gröber, *Grundriss*, I, 591.

5 – Genitivo explicado por elipse de substantivo:quadragessimarum sic fit, ut diximus
(28,4)

O texto em que aparece este genitivo é o seguinte: “Esca autem eorum quadragessimarum diebus haec est, ut nec panem, qui delibari non potest, nec oleum gustent, nec aliquid, quod de arboribus est, sed tantum aqua et sorbitione de farina: ...quadragessimarum sic fit, ut diximus”.

A lacuna que existe entre *farina e quadragessimarum* tem sido preenchida pelos editores e estudiosos de maneira diversa; mas, partindo da construção em que nas designações de festas e solenidades se usa o genitivo – singular ou plural – dependente de um nome oculto da esfera semântica de *tempus, dies* ou *festum*, a melhor lição é, sem dúvida, a de Meister, *Itinerario*, 383, adotada por Löfstedt, *Kommentar*, 301-2, que supõe a elipse de *tempore*³⁸.

Linderbauer, S. Benedicti, 246, comentando o emprego de *sabbatorum* em XIII, 12, na lição dos melhores manuscritos, explica corretamente o fato pela elipse de *die*. Lembra ainda que o plural encontra sua razão de ser pela imitação de igual construção em grego, onde, nas denominações de festas, se usa tanto o singular como o plural.

Tais construções elípticas não se documentam em Plauto, e parecem datar de Terêncio; daí é que muitos estudiosos, como, por exemplo, Wölfflin³⁹, dão o fenômeno como helenismo, mas “es más lógico pensar que se trata de um giro al que há llegado la lengua latina por sí misma en la época de Terencio, pues tales construcciones elípticas se hallan en gran número de idiomas lo mismo antiguos que modernos, lo cual es prueba de la espontaneidad con que se producen”⁴⁰.

Genitivos elípticos de tipo de *sabbatorum*, por *sabbatorum die* penetraram em poucas línguas românicas, despertando, por isso, o interesse dos romanistas. Assim é que o provençal *martror* (ou *marteror*) se explica pelo latim *martyrorum*, que ocorre em inscrições como variante de *martyrum*⁴¹:

³⁸ Ocorre, na *Peregrinatio*, exemplo semelhante em 29,1; “Et completo earum septimanarum... uigiliae in, Anastase sunt de hora lucernarii sexta feria”.

³⁹ Cf. Löfstedt, *Syntactica*, II, 249.

⁴⁰ Bassols, *Sint. Hist.*, I, 256 e Löfstedt, *ibid.*

⁴¹ “Cuius corpus pro foribus martyrorum...” (*apud Diechl, Altchristliche*, n° 16).

Bertram d' Aurel, se moria
N' Aimerics anz de martror,
Digatz, a cui laissaria
Son aver e as ricor (Guilh. Fig, 9^a, 2 apud Levy, *Prov.*, V, 133).

Da mesma maneira temos, em provençal, *pascor* **paschorum*, *calendor* **calendorum* (por *calendarum* provençal *calendar*, romeno *coarindar*); *candelor* (francês *chandelier*) (festum) *candelarum*⁴².

Em português, como em outras línguas, aparece vestígio destas contrações elípticas, em linguagens do tipo da omissão de *casa* como: *fui à de José* (-); *Lat. ad Vestae*; grego ἐς πριάμοιο; inglês *at my aunt's*; alemão *zu (bei) Müllers*.

⁴² Schultz-Gora, *Altprov.*, § 100; Löfstedt, *Syntactica*, II, 251 e *Late Latin*, 135. Löfstedt, *Syntactica*, 249.

6 – Genitivo partitivo:

“iam ut exiremus de ecclesia, dederunt nobis presbyteri loci ipsius eulogias, id est de pomis, quae in ipse monte nascuntur” (3,6).

Temos aqui a preposição *de* em construção semelhante ao uso de partitivo em românico, como o francês moderno “des pommes”. Na *Peregrinatio* ocorrem mais três exemplos da preposição nesta idéia partitiva: “Nos ergo accipientes de presbytero eulogias, id est de pomario sancti Iohannis baptistae, similiter et de sanctis monachis.” (15,6); “ostenderunt etiam nobis locum, ubi de spiritu Meysi acceperunt septuaginta uiri” (5,7); “nescio quando dicitur quidam fixisse morsum et furasse de sancto ligno” (37,2).

Apesar dos exemplos desta linguagem em textos mais antigos, como em Plauto e Terêncio, quer na dependência adnominal como na adverbial⁴³, é no latim tardio que se firma vitoriosamente, a partir de S. Agostinho, como, por exemplo, em *Conf.*, 3,7: “qui sacrificant de animalibus” (Cf. francês “des animaux”). Ahlquist, *Studien* 78, lembra as seguintes abonações do fenômeno na *Mulomedicina Chironis*, junto de objeto direto: “et de uso sibi stercore circa coronam imposito” (137,5); “de suo sibi circum stercore circa coronam imposito” (137,5); “de sua sibi circum brachiolo vellito” (86,9). No Velho Testamento se lê, segundo nos ensina Rönsch, *Itala* 396: “invenerunt autem sub tunicis interfectorum de donariis idolorum” (2 Mac., 12,40), como se diria em francês “des dons”.

Bonnet, *Grégoire* 611, nos diz que esta construção é freqüente em Gregório de Tours: “ut de pulvere... potuit darent” (575,9); “de sancta cera super eam posui” (605,1); “est hic de officiis quorumpiam deorum” (514,12) – “Il y a ici – comenta Bennet – de l’intervention de quelques dieux”.

As *vitae Patrum*⁴⁴ também não desconhecem este emprego de *de*+ abl. (aqui em função objetiva, e não como sujeito, como se encontra em outros trechos)⁴⁵: “Erravit autem frater, et pro melle de raphanelaeo misit in pulmentum” (5,4,59); “et deceptus

⁴³ “dimidium... de praeda” (Plauto, *Pseud.*, 1164); “ridiculum dictum de dictis melioribus” (Id., *Cap.*, 482); “discam de dictis melioribus” (Id., *Stich.*, 400); “quod hinc accesserit id de lucro putato esse omnes” (Ter., *Ad.*, 817). Cf. Schmalz-Hefmann, *Lat. Gram.*, 392 e Bassols, *Sint. Hist.*, I, 232.

⁴⁴ Salonius, *Vitae Patrum*, 89 e ss.

⁴⁵ “ampullam, in qua de oleo ...continebatur” (*Vit. Aridii* apud Rönsch, *Itala*, 396).

frater misitin escam senis de illo (sc. oleo)” (3,51); “tellit de aqua et exstinguit illum (sc. ignem)” (3,209).

Em documentos antigos de algumas línguas românicas, como o italiano e, em menos escala, o espanhol e o português, conservou-se esta expressão partitiva por meio da preposição *de* + substantivo (de preferência precedido de artigo)⁴⁶, não havendo nenhum vestígio, na Romênia, da possibilidade que conhecia o latim de substituir *de* por *ex*: “Cur non bibis ex aqua hac?” (*Vitae Patrum* 5, 9, 11 apud Salonius, 90).

São abundantes os exemplos:

Italiano antigo: “se tu ai corno, del vino ti do io volentieri” (Novellino, *Nov.* 23); “tu ai di belle demine” (*Id. Ibid.*, 36); “chi del fango ingazza” (Dante, *Inf.*, 7,219); “oltre a questo io do di belli gioielli e di cari” (Bocácio, *Decam.*, 4, 4.)⁴⁷.

Espanhol antigo: “comed deste pan” (*Mío Cid*, 1025); “cogio del agua” (*Id., Ibid.*, 118)⁴⁸;

Português antigo: “ou lhe tirar da lenha ou lhe lançar da agua ou alongamento e arredamento del” (*Virgeu* ed. Ben Veiga, 22); “elle comia das hervas que naçiam pollo hermo... destas comya elle muy pouco dauga” (*Barlaão e Josafate* ed. Abraham, 106); “e bevia da agua” (*D. S. Graal* ed Magne, I, 190)⁴⁹.

Na fase moderna tem diminuído a freqüência de tais construções partitivas no italiano, espanhol e português, mormente na Península Ibérica.

O sardo também (apenas nos dialetos centrais e rústicos), como em geral fazem as línguas da ibero-românia, limitou o emprego do complemento verbal partitivo às noções de *beber e comer*: “e inúe s’ahattada de ábba vriska?” (Cf. Wagner, *Língua Sarda*, 372).. Só que esta língua se prende ao uso latino, não fazendo emprego do artigo.

O francês e o provençal apresentam um histórico à parte; o antigo francês e antigo provençal só empregavam esporadicamente semelhante giro partitivo com *de*, sendo que, a partir do séc. XIII, mais ao norte do que ao sul, começam a aparecer com mais freqüência exemplos com significação nitidamente partitiva: “si li donra um des ces jors un baceler qui du pain li gaaignera par honor” (*Aucassin* ed. Suchier, 2); “Elb prist des flors de lis/ et de l’erbe du garris/ et de le foille autresi/ une bele loge en fist” (*Ibid.*, 17-18).

Quanto à presença do artigo, no séc. XVII aparecia junto a nomes conhecidos, de modo que, como lembra Wartburg,

⁴⁶ O fato de se aplicar a idéia partitiva a um objeto conhecido ou bem defenido explcia o aparecimento do artigo.

⁴⁷ Cf. Rohfs, *Hist. Gram.*, II, 140 e ss.

⁴⁸ Para este e outros exemplos veja-se Pidal, *Mío Cid*, I, 382.

⁴⁹ Prefiro ler *doos* (dous, cf. II, pág. 91) o seguinte exemplo dado pelo erudito editor como partitivo, Glossário, 157: “Vêdes aqui dos cavaleiros de linhagem de rei Bam” (II, 90. Trata-se de Acorante e ----- [Pedir ajuda ao Rosalvo-](#)).

mangiez del pain ne voulait pas dire *mangez du pain*, mais *mangez de ce pain que voilà devant nous*. Il a donc encore une valeur démonstrative. Or, au 14^e et au 15^e s. l'art. déf. perd de plus sa force démonstrative; et dans la même mesure l'art. part. s'affaiblit. Déjà vers la fin du 13^e s. nous trouvons des textes où le subst. Sans article alterne avec le subst. Précédé de l'art. Part. (Évolution, 139).

O aparecimento do giro partitivo tem sido explicado de duas maneiras que, a meu ver, se podiam perfeitamente combinar e ter dado origem ao fenómeno em francês. Para Tobler, *Verm. Beitr.*, I, 81) foi o ensurdecimento de *-s* final que levou a forma *des* (gentivo partitivo) a funcionar como sinal de plural. Wartburg, *Évolution*, 139-140, acredita que

Il est (o nascimento do artigo partitivo) également dû, e: partie, à l'affaiblissement de l'art. déf.. En partie il est aussi dû à l'amuïssement de l'*s* final. L'espagnol. Qui a conservé l'*s* final, l'italien, qui a de tout temps distingué le sg. du pl., n'ont guère besoin de l'art. indéf. *Se hai libri et si tienes libros* sont des expressions parfaitement claires em elles-mêmes. *Se tu as livres* pouvait se rapporter aussi bien à un sg. qu'à un pl, après la chute de l'*s* final. La possibilité de cette confusion devait contribuer beaucoup à généraliser l'emploi de l' art. part.

Acredito, porém, que não deixou também de ser decisivo o movimento cultural da época, com olhos de comerciante e de político, que permitiu ao sentimento idiomático melhor se traduzisse dentro de novas concepções. É o que pensa Vossler, numa análise luminosa:

Las representaciones de los objetos sean de índole concreta o abstracta, se precisaron y objetivaron de tal modo en el sentimiento idiomático, los nombres adquirieron tanto relieve y actualidad, que en todo momento, incluso quando sólo se trataba de cualidades, podían someterse a una medición partitiva: *En i ot de bleciez* 'alli hubo feridos'. Hasta el nominativo de sujeto puede ahora aparecer con artículo partitivo, ya sea determinante e indeterminante:

D'abbez, meynes, prieurs, prieuses
Ont fines touailles et nappes,
Des evesques ont riches chapes (*Mireir de Mar*. 5100).

Cosas como eéatas sólo son posibles en un idioma que se ha acostumbrado a observar los objetos con ojsio de comerciante o de político, para quienes todas las cualidades son mensurables y permutables

Es um realismo práctico, calculador y racionalista, que extendió el genitivo partitivo tanto las representaciones concretas como a las abstractas, tanto a las determinnadas como a las indeterminadas. *Par tout il y a du bien et du mal*, dice Commines, el político, y está siempre pronto a contrapesar lo uno con lo outro (*Cultura y lengua de Francia*, 197-198).

A explicação idealista de Vossler não mereceu o beneplácito geral, e Vidos, *Manuale*, a ela se refere nestes termos:

Centro un similo ragionamento la critica ha giustamente obiettato chiedendo come mai, se l'uso del partitivo in franceze si deve alls spirito mercantile del tardo medioevo, per cui tutto era divisible, nell'antico italiano, p. es., il partitivo era più in uso che non attualmente (a. it. *Fu dato d'un buonissimo vino, mangiare del bueno, cogliese dei frutti*), cisè perchè avvenne esattamente il contrario ehe in francese. E la mentalità degli Italiani è oggi meno materialistica che in passato? Come mai allora, nella lingua dei popoli, come gli Spagnoli e i Rumeni, di cui non si può sostenere che abbiamo una "praktische, messende, teilende, rechnerisches Auffassung der Dinge" (Vossler, *Frankr.* p. 165); la tendenza alla partizione, per quanto non in forma di un articolo partitivo, accetto che in relazione coll'acqua e con le cibarie (sp. cogió del agua (Cid), dar le fa fruta (S. Teresa), pure è presente (p. ex. sp. *unas cartas* 'delle lettere', *unos huevos* 'delle uova', rum. *Nişte pâine* 'um po' di pane', *nişte Lapte* 'um po' di latte')? E

come mai le comunità linguistiche come quella inglese o americana, deve pure lo spirito pratico, realistico, è assai sviluppato, non conoscono un articolo partitivo? (págs. 95-96).

*

No provençal medieval desenvolveu-se o emprego da construção partitiva sem artigo nas regiões de Languedoc e na Provença (*ana querre d'aiga*), enquanto na parte sudoeste permaneceu o antigo hábito de não se usar a preposição, como no gascão moderno *beone ayge*⁵⁰.

⁵⁰ Bourciez, *Éléments*, 197-198; Ronjat, *Gram. Ister.*, III, 127 e ss.

7 – Genitivo em lugar de um predicativo:

“Id enim nobis semper consuetudinis erat”. (10,7)

Temos aqui um genitivo com verbo *sum* onde seria normal esperar um predicativo; *consuetudinis erat* vale por *consuetudo erat*. Tal construção representa uma extensão de emprego do genitivo possessivo como complemento de verbo, linguagem que tem raízes antigas na história do latim. Esta construção de verbo *sum* + genitivo adquiriu cedo o sentido de *ser próprio de, ser característico*, giro que tanto em latim, como nas línguas românicas, se tem cômoda e desnecessariamente explicado por elipse de um substantivo como latim *officium, manus, signum proprium* (como substantivo), em português *próprio*: “est miserorum, ut... invidiant bonis” (Plauto, *Capt.* 583); “tardi ingenii est rivulos consecrari, fontes rerum non videre (Cícero, *De or.*, 2,117); “sapientis est consilium explicare suum de nascimur rebus” (*Id., Ibid.*, 2,333)⁵¹.

Modelando-se pelas construções acima, estendeu-se o emprego de genitivo a circunstâncias em que não havia razão de seu aparecimento; assim é que temos *consuetudinis est, moris est*, onde o rigor gramatical exige *consuetudo est, most est*, como se em vez de *é costume* passássemos a dizer *é próprio do costume*. Este modo de dizer é atestado em latim desde Cícero, em cujos escritos encontramos os exemplos mais antigos, tornando-se generalizado nos autores de tendências retóricas, como Tácito: “negavit moris esse graecorum ut...” (Cícero, *Verr.*, II, I, 26,66); “ut moris est” (Tácito, *Hist.*, I, 15).

A latinidade tardia estendeu a sintaxe a outras linguagens, como, por exemplo, *propositi est*, por *presitum est*, que ocorre na *Peregrinatio*, 23,10: “iam propositi erat in nomine Christi Dei nostri ad Asiam accedendi”⁵².

Também nesta obra aparece a novidade *desiderii est*: “desiderii ergo fuit, ut... exiremus” (7,1).

Semelhante emprego do genitivo – desde cedo lutou contra a concorrente expressão *de + abl.* – é, sem dúvida, a fonte donde dimanam numerosos usos românicos com *de* junto a sujeito, predicativo ou complementos verbais que, pela sua oposição aos cânones gramaticais, têm merecido a atenção dos estudiosos. Daí, por exemplo, os

⁵¹ Kühner – Stegmann, I, 453 e Bassels, *Sint. Hist.*, 258.

⁵² De *consuetudinis est* a *Peregrinatio* nos dá mais um exemplo: “singula, quae consuetudinis nobis erant facere” (15, 4).

seguintes giros do francês antigo: “Meut est grans cose de pseudomme” (*Richards li Biaus*, 2691); “de ma chair eust esté fort mauvaise viande” (Rabelais, II, 14). De espanhol lembramos: “Gran cosa fue del rey e de su corazon” (*Alex.*, 240 a), entre numerosos outros.

Em português os exemplos são abundantes, citando apenas, para ficarmos num só autor, as passagens de *Os Lusíadas*: “E porque é de vassalos, o exercício,/ Que os membros tem regidos da cabeça” (II, 84); “Se de humano é matar ~ua donzela” (III, 127).

Tem-se discutido se o fenômeno constitui um latinismo sintático⁵³; visto o caso com a ajuda de suas irmãs, chega-se à conclusão de que tal linguagem surgiu no latim coloquial sendo, portanto, comum a mais de um falar românico.

⁵³ Correa da Silva, *Latinismos*, 77.

C – Dativo

1 – Dativo X acusativo de objeto:

”et perfecta sunt singula quae iusserat Deus in montem Meysi” (5, 9-10).

Das dezessete vezes em que a autora se serviu do verbo *iubere*, somente em uma se afastou do uso clássico, quando, segundo vemos da passagem transcrita, emprega o verbo com dativo, em lugar do acusativo.

Esta mudança está intimamente relacionada com o novo matiz semântico que o verbo passou a assumir; com o sentido primitivo de *impelir*, *incitar*, requeria acusativo ou oração substantiva no infinito ou subjuntivo, quando não era usado de modo absoluto. Sofrendo depois o influxo de *impero*, de cuja esfera semântica se aproximou, favoreceu, graças ao seu novo modelo, o aparecimento do dativo, fato de que temos em Catulo o exemplo mais antigo⁵⁴: “non haec misere (= miserae) ‘sperare iubebas” (64,140 ed. Beeherens). Cícero nos oferece um único testemunho desta construção na correspondência (*Att*, 9,13): “quamquam hae mihi litterae Delabellae iubent ad pristinas cogitationes reuerti”. César, no *De Bello Civile* (no *De Bello Gallico* não há um só caso) também nos proporciona um exemplo desta linguagem: “Militibus suis iussit, ne qui eorum violarentur...”

Na época imperial este modo de dizer se generaliza; Tácito o emprega francamente como *imperare* em *Anais*, IV, 72: “tributum iuss Drusus iusserat medicum” e XIII, 40: “quibus iusserat ut instantibus comminus resisterent, refuges non sequerentur”.

O inusitado da construção entre os modelos clássicos tem levado muitos editores a propor correções desnecessárias à lição dos manuscritos; assim é que Löfstedt, *Kommentar*, 152, estranha que um mestre do porte de C.F.W. Müller tenha alterado o *mihi* ciceroniano do exemplo dado atrás para *me* sem uma palavra de explicação no comentário crítico.

⁵⁴ Kühner-Stegmann, *Syntax*, I, 312, ensinam que é de Tito Lívio o exemplo mais antigo de *iubere* com dativo.

2 – Dativo X ad + acusativo: “cum iam prope plicarent cuitati” (19, 9).

A autora da *Peregrinatio* usa duas vezes o verbo *plicare* (-se) e uma vez sua variante *plecare*, onde se observa a pronúncia *e* por *i*, que se tornou comum a partir do séc. III, Em tôdas as passagens vale por *aproximar* ou *aproximar-se*, *ir em direção a*, sentido que guardam as línguas românicas da Ibéria: português *chegar*, espanhol *llegar*.

Difere, porém, a sintaxe deles; em dois passos, pronominalmente, acompanha-se de *ad + acusativo*, construção que é a normal: “ac sic ergo denuo plicauimus nos ad mare” (6,3) e “et sic plecaremus nos ad montem Dei” (2,4)⁵⁵. Com falta de pronome reflexivo⁵⁶, aparece em 19,9 com a substituição de *ad + acusativo* pelo dativo: “cum iam prope plicarent ciuitati”.

Temos aqui um exemplo de hiperurbanismo da autora que procura fugir a um fenômeno inovador que se exemplifica em tôda a história do latim a partir de Plauto, e de cuja vitória dão sobejo exemplos as línguas românicas; este fenômeno é a gradual substituição do dativo pela perífrase *ad + acusativo*⁵⁷. Mas a reação gramatical chega às vezes a casos onde seria desnecessária, como ocorre na linguagem *plicarent ciuitati*, já citado, ou noutra de 39,5: “Dominus... clausis ostiis ingressus est *discipulis*”.

Esta sintaxe de correção às avessas, ao lado de não poucas revivências clássicas como os comparativos literários em *-ior*, *-ius*, a passiva sintética impessoal, os verbos depoentes (que ela confunde com os ativos), o acusativo com infinito, entre outros fatos gramaticais⁵⁸ mostram claramente que Etéria não escreveu com a espontaneidade com que falava, sendo os seus vulgarismos muito mais importantes pela qualidade do que pela quantidade. A *Peregrinatio*, por tanto, está longe de representar o estado do latim na época em que viveu sua notável autora.

Concordo plenamente com as judiciosas ponderações de Groot numa oração inaugural:

Ook wanneer Löfstedt een tekst van een vrome en ontwikkelde Christin uit de hoogste standen, die een pelgrimstocht naar het heilige land beschrijft in een literairen stijl, die weliswaar niet een imitatie of reproductie is van de taal van de laatste eeuw vóór Christus, maar daarom ten opzichte van de omgangstaal van den eigentijd niet minder literair is, vulgair noemt, wil ik mij daar graag bijneerleggen. Maar wel heb ik er bezwaar tegen, dat Löfstedt schijnt te vergeten, dat deze reisbeschrijving ten opzichte van de omgangstaal van dien tijd een niet minder literair karakter draagt, dan de taal van de redevoeringen van Cicero ten opzichte van de omgangstaal van zijn tijd: já, het is zeer de vraag of niet de taal van Cicero met de omgangstaal van de hoogeres standem van zijn tijd organischer samenhang em haar nader staat dan de taal van de Peregrinatio met de gewone taal van de schrijfster⁵⁹.

⁵⁵ Este exemplo transcrito por Ernout, *Aspects*, 217-218, apresenta mais de um engano.

⁵⁶ Fenômeno comum que ocorre, por exemplo, com *mouere*, *tendere*, e que vige em românico. Cf. Löfstedt, *Kommentar*, 66.

⁵⁷Cf. Löfstedt, *Syntactica*, I, 187 e ss.

⁵⁸ Cd. Löfstedt, *Kommentar*, 10 e ss.; van Oorde, *Lexicon*, 11 e ss.

⁵⁹ “Também concordo quando Löfstedt chama vulgar ao texto de uma piedosa e culta cristã da alta sociedade, que descreve uma peregrinação à terra santa, em estilo literário, estilo que, embora não seja imitação ou reprodução da

D – Acusativo

1 – Acusativo pelo dativo como complemento verbal: “Hic est mons, in que posuit Balac filius Beor Balaan diuinum ad maledicendos filios Israhel” (12,10).

Entre os diversos exemplos em que, na língua vulgar, se usava o acusativo como caso geral para os complementos verbais, está a expressão *maledicere aliquem*, sintaxe que aparece na *Peregrinatio* na única vez em que a autora emprega o referido verbo.

Primitivamente se fazia uso da expressão com a consciência de seus elementos formadores, fazendo-se acompanhar de dativo: *maledicere alicui maledicere alicui*. Na época de Petronio podia o autor usar indiferentemente do dativo ou do acusativo, sem que houvesse a intenção – veladamente assinalada por Löfstedt – de marcar, com o dativo, linguagem polida⁶⁰: Assim é que Encólpio se serve do dativo em: “*maledicebat properantibus*” (117,11); “*ventri maledicere*” (132,13); *pedibus suis maledicunt*” (132,14); mas do acusativo em “*maledicere Trimalchionem*” (74,9).

Nos escritores cristãos - Tertuliano⁶¹, Cipriano⁶², e outros, como na Vulgata – também encontramos ora o dativo ora o acusativo preso a *maledicere*.

Mais recente que *maledicere* é *benedicere* (*bene dicere*), a que se aplicam todas as observações feitas para aquele. Com razão assinala Löfstedt (*ibid.*) que não é válida a distinção proposta por Koffmane, *Geschicht* 72, segundo a qual *bene dicere alicui* = “pronunciar palavras de bom augúrio a alguém”, enquanto *benedicere aliquem* = “bendizer alguém”.

Na *Peregrinatio*, dado o largo emprego que a língua da Igreja fez do verbo no sentido de *abençoar*, *benedicere* aparece 32 vezes, acompanhando-se em todas de

língua usada no último século antes de Cristo, não apresenta menos literário quando comparado com a língua falada na época da escritora. Mas positivamente me oponho ao que Löfstedt parece esquecer: que este relato da viagem não possui caráter menos literário em confronto com a língua falada naquela época do que a língua usada por Cícero em seus discursos o é em confronto com a língua falada no seu tempo. Pode-se, até, indagar se a língua de Cícero não tenha vínculos mais orgânicos e mais afins em face da língua falada na alta sociedade de seu tempo do que a língua da *Peregrinatio* em relação com o uso lingüístico ordinário da autora.”

⁶⁰ “[...]o heisst es (o acusativo com maledicere) bei Petron 58, 13 [*que maiorem maledicas und 96,7 maledic illam uersibus*, beides in vulgärer Rode (daneben in den nicht-vulgären Partien mit dem Dativ ...)]” *Kommentar*, 218. Schrijnen-Mohrmann, *Studien*, I, 75 aceitam a lição de Löfstedt: “und so findet es sich bei Petron in vulgärer Rede mit dem Akkusativ Konstrukt”.

⁶¹ Hoppe, *Syntax*, 13.

⁶² Schrijnen-Mohrmann, *Studien*, I, 74.

acusativo, o que contrasta aqui e ali com o dativo que ocorre na lição da Vulgata, como em 10,6: “Hic est ipse locus, ubi benedixit sanctus Moyses homo Dei filios Israhel” ao lado de: “Haec est benedictio, quae benedixit Moyses, homo Dei, filiis Israhel...” (*Deuteronomii*, 33).

Nas línguas românicas continuaram em geral os representantes de *benedicere* e *maledicere* a reger acusativo de objeto, italiano *benedire*, *maledire*, francês *bénir*, *maudire*; português *bendizer*, *maldizer*; espanhol *bendecir*, *maldecir*.

2 – Acusativo como complemento direto de verbos passivos:

“Primum aguntur gratiae Deo, et sic fit orationem pro omnibus” (25,3).

O inusitado de uma forma em acusativo como objeto presa a verbo na passiva levou muitos editores a propor modificações para esta passagem da *Peregrinatio*, transcrita acima tal como nos legou o manuscrito. A maioria, entre eles Geyer, está acorde em que a melhor solução é ler-se o nominativo *oratio*, exigido pelo rigor gramatical.

A questão, entretanto, não se resolve tão facilmente e não tem na *Peregrinatio* sua única ressonância, o que nos leva a indagações mais demoradas.

Sabemos da precariedade da passiva na história do latim, principalmente nos casos em que se aproxima da idéia de sujeito indefinido, onde uma forma como *amatur* não só podia ser interpretada como *é amado* (passiva pessoal), mas também como *ama-se, alguém ama* (passiva impessoal). Se a lógica gramatical impedia o aparecimento de um complemento direto na primeira aceção, a língua familiar desde cedo fêz-lhe concessões flagrantes no segundo emprego. Assim é que encontramos exemplos de épocas afastadas: “mi aduenienti hac noctu agitandumst uigilias” (Plauto, *Trin.* 869): “ita castra sine uolnere introitum” (Salústio, *Hist.* IV 10 M).

Estes casos em que o acusativo se mostra patente aproximam-se de outros em que uma forma neutra plural tem sido focalizada como feminina singular para salvaguardar os alicerses da melhor tradição gramatical. Neste rol se põe esta passagem de Petrónio em que o sentido clama por uma interpretação de plural: “faciatur, si tibi uidetur, et triclinia” (71,10)⁶³. Baseando-se em Rönsch, *Itala*, 435, Haraeus – e com ele outros – acredita que o fato se explique por um singular – grego, de que aquele autor nos dá vários exemplos⁶⁴; mas Löfstedt, *Kommentar*, 292, argumenta mui judiciosamente, que tal tipo de grecismo é bem posterior, devido ao influxo das traduções bíblicas, e que no caso de Petrónio antes se trata de um vulgarismo em boca de Trimalcião, personagem pouco efeito às abonações de grecismos.

Em outro trecho da *Peregrinatio* a lição do manuscrito é: “Ubi cum factum fuerit missa, inde cum ymnis ad Anastase ducitur episcopus” (32,2). Geyer, Heraeus e outros, repetindo a intenção de deixar intacta a norma gramatical, emendam a passagem para *facta fuerit missa*; mas estou em que a razão pertence a Löfstedt (*Ibid.*, 291) quando, conservando a lição original *factum*, lê *missam* por *missa*, prendendo este caso ao fenômeno estudado neste capítulo.

⁶³ Suess, *de eo*, 14, seguindo a Guericke, defende que *triclinia*, neutro plural, está por *triclinium*, de acordo com a mudança do neutro plural em singular da 1ª declinação. Cf. Marmorale, *Cena*, 155, onde há uma boa argumentação em prol da idéia de plural de *triclinia*, no que segue de perto a lição de Friedlaender, *Cena*, 341.

⁶⁴ *Itala u. Vulgata*, 345, entre outras passagens: “in parabolis omnia dicitur (πάντα λέγεται) Mar., 4,11; “divulgabatur (διελαλεῖτο) haec omnia verba” Luc., 1,65.

3 – Acusativo de nome grego como forma petrificada:

“id est ab hora prima usque ad horam tertiam, quoniam per tres horas fit cathecin”
(46,3).

Assim reza a lição do manuscrito, conservada por Geyer, Heraeus, Löfstedt e a maioria dos editores. Só Cholodniak, entre as correções que propôs à edição de Pomislowsky, emendou para *Cathecin* o acusativo original *cathecin*.

Torna-se, entretanto, desnecessária a substituição para o nominativo *cathecin* uma vez que se trata aqui de um fato lingüístico normal, que é o emprego do acusativo de nome não latino, como forma geral e petrificada em lugar do caso competente requerido pelo contexto. O fenômeno é particularmente comum em os topônimos em *polin*, como, por exemplo, se pode verificar nesta passagem da *Peregrinatio*, em que o acusativo – semelhante ao citado passo de 46, 3 – está pelo nominativo: “Nam proficiscens de Tharso perueni ad quandam ciuitatem supra mare adhuc Ciliciae, quae appellatur Ponpeiopolin” (23, 1).

Fora do texto da Etéria poderemos lembrar os seguintes: “Emmaus in Iudaea constructa et Nicopolim nominata” (*Iordanis rom.* 279, pág. 36,13)⁶⁵; “Constantinopolim... conflagrauit incendio” (Paul. Diac. *Hist. Rom.* 15,19); “nunc tamen eius corpusculum Neapolim retinet” (*Idem, Hist. Langob.*, 1, 19); “opulentissimae urbes Capua, Neapolim et Salernus” (*Id., Ibid.*, 2,17); “civitates quae Greco vocabulo Pentapolim appellantur” (*Id., ibid.*, 2,19)⁶⁶.

Além de topônimo em *-polim*, a *Peregrinatio* nos fornece mais este exemplo: “Nos autem... per media Ramesse transiuimus, quae Ramessem ciuitas...” (8,1).

Em semelhantes circunstâncias o acusativo pode estar em lugar de um ablativo como em 18,3 da *Peregrinatio*: “et inde in nomine Dei transitio flumine Eufraten, ingressa sum fines Mesopotamiae Siriae”.

Como bem acentua Löfstedt, *Lat Latin* 137, a forma acusativa *Constantinopolin* “is very frequent in various functions: “at”, “in”, “to” or “from” Constantinople”; “de Constantinopolim ad Antiechiam venientium” (*Synddum de Rusticus*, 40,4);

⁶⁵ H. Kalén, no interessante estudo filológico sobre este texto, explica mal o fato, justificando-o por uma contaminação entre a construção ativa e a passiva. Cf. a extensa nota da pág. 69 e ss.

⁶⁶ Exemplos extraídos de Norberg, *Beiträge*, 53.

“episcoporum qui inventi sunt Constantinopolim” (90,26); “terrae motis saepe factis Constantinopolim” (91,8)⁶⁷.

Por fim, cumpre assinalar que ainda na *Peregrinatio* ocorre esta forma de acusativo geral onde se esperaria um genitivo; “Itaque ergo in nomine Christi Dei nostri profecta sum de Antiochia ad Mesopotamiam habens iter per mansiones seu ciuitates aliquat prouinciae Siriaee Celen” (18,1).

⁶⁷ Blatt, que escreveu um substancial artigo no *In memoriam Kr. Sandfeld* sobre tais formas indeclináveis de topônimos, acredita que elas tenham sido fortemente influenciadas pelos nomes bíblicos como *Bethleem*, *Capharnaum*, *Nazareth*, que não se ajustavam ao sistema de declinação latina. Löfstedt, *ibid.* n. 3, embora não despreze a lição do erudito latinista dinamarquês, não empresta ao fato assinalado importância capital para a invariabilidade dos nomes de lugares no latim tardio.

4 – Acusativo em lugar do nominativo como sujeito:

“Nam sicut appd nos quadragesimae ante pascha attenduntur, ita hic octo septimanas attenduntur ante pascha” (27, 1)

Geyer, preso a uma preocupação de lógica gramatical, propôs a substituição de *septimanas* por *septimanae*, fazendo o mesmo com a parte final deste mesmo parágrafo: “Ac sic ergo de octo septimanis deductis octo diebus dominicis et septem sabbatis, quia necesse est una sabbati ieiunari, ut superius dixi, remanet dies quadraginta et unum, qui ieiunantur, lendo *unus* por *unum*.”

Haraeus julga desnecessárias as emendas e Löfstedt, com razão, lhe segue as pegadas⁶⁸; é que se trata do emprego do acusativo em lugar do nominativo, o que ocorre com certa frequência não só nas idéias de tempo, como no caso da *Peregrinatio*, mas ainda nas de *medida e lugar*.

Semelhante à linguagem de Etéria é a que nos apresenta a *Mulomedicina Chironis* em: “equus bene praenatus si erit, primos deicit dentes post annos duos, et secundos alios post annum. Deinde interiit annum et nascuntur ei colomallares” (776 pág. 241, 18 na ed. Oder).

É interessante observar que, se Geyer substituiu mal no caso de *Peregrinatio*, andou bem conservando o acusativo *grossos*, que é a lição do melhor manuscrito, na seguinte passagem do *Itinerarium* de Antonio Placentino (no C.S.E.L., 39); “De Golgotha usque ubi inuenta est crux sunt grossos quinquaginta” (172, 10).

Norberg, que nos *Beiträge* (pág. 43 e ss) dedica ao assunto um capítulo inteiro, lembra-nos ainda este exemplo de Catão, *Agr.*, 161,4: “Deinde fossulus facito, qua radices asparagi demittas. Intervallum sit neminus pedes singulos inter radices asparagi.” Como bem comenta C.F.W. Müller, citado por Norberg, o acusativo *pedes singulos* aparece aqui “als ob statt *intervallum sit inter* dastände *radices distinct*”.

Em francês antigo também se encontram exemplos em que uma idéia de medida em acusativo está no lugar do que seria o sujeito. No seguinte passo de *Les Enfances Ogier* o verbo *remanoir* lembra muito o emprego do latino *remanere* do já citado trecho 27,1 da *Peregrinatio*: “Grans coups se dounent sor les hiames gemés/ Si qu’il les ont

⁶⁸ Cf. *Kommentar*, 297.

rompus et discerclés; / Li brans Ogier est em pieces volés,/ Ne l'en remest pas dens piez mesurés" (4050)⁶⁹.

⁶⁹ Norberg, *ibid.* 44; Tobler, *Verm. Beitr.* I, 233, n. 2, nos quais se encontram vários outros exemplos.

E – Ablativo

Ablativo de duração X acusativo de duração:

“Haec est autem uallis ingens et planissima, in qua filii Israhel commorati sunt his diebus, quod sanctus Moyses ascendit in montem Domini, et fuit ibi quadraginta diebus et quadraginta noctibus” (2,2).

Em *quadraginta diebus et quadraginta noctibus* temos o emprego do ablativo de duração pelo acusativo (com *per*) de duração, prática de linguagem que se tornou freqüente a partir da época clássica, com Catulo e César⁷⁰, chegando a preponderar no período pós-clássico.

Depois da interessante e exaustiva monografia de Ahlberg *Durative Zeitbestimmungen im Lateinischen* (Luns, 1996), que estuda a expressão da idéia de tempo durativo, com especial deferência através do acusativo e do ablativo, dos períodos mais afastados até o séc. III da nossa era, não se aceita a lição de Delbrück e Brugmann, segundo a qual o ablativo nesta acepção se originou do antigo instrumental. Na verdade este ablativo nasceu no próprio latim, por uma extensão de certas linguagens que exprimiam o tempo em que ocorria a ação verbal, sendo que o valor durativo se depreendia do contexto ou da presença do adjetivo *totus* que reslatava a idéia de duração que o ablativo por si só não era suficiente para traduzir. Mais tarde o ablativo chamou para si esse sentido subsidiário, desaparecendo, assim, a necessidade da presença de *totus*.

Bassols, *Sint. Hist.*, I, 404, lembra ainda outro fator responsável pela vitória do ablativo sobre o acusativo nestas circunstâncias:

El acusativo expresa una idea temporal fruto de la acción verbal; de ahí que el uso de este caso no resultara muy adecuado en aquellos giros en que la idea temporal tenía el valor de una determinación accesoria, o sea cuando equivalía a un cálculo, un cómputo hecho desde el punto de vista de la persona que habla y ajena, por tanto, a la actividad del sujeto de la acción. En estas circunstancias resultaba mucho más apropiado el uso del ablativo, puesto que dicho tiene siempre relación mucho más indirecta y laxa con el verbo que el acusativo. Incluso cuando la persona que habla es al propio tiempo sujeto de la acción, la lengua propende al empleo del ablativo siempre que el verbo exprese un estado en vez de una actividad, circunstancia esta última que impide, naturalmente, considerar a la determinación verbal como fruto de la acción;

⁷⁰ Não há nas obras de César uma tendência uniforme para o emprego de ablativo de duração. No *Bellum Gallicum* há um só exemplo contra 29 de acusativo de duração; no *Bellum Civile*, mais próximo do latim corrente, entre 25 exemplos de idéia durativa, 11 se expressam pelo ablativo. Cícero não conhece praticamente este uso do ablativo, com exceção da sua obra *De Divinatione*, escrita no ano 44, época em que a substituição do acusativo pelo ablativo se patenteia em vários escritores.

así por ejemplo: Ov. *Trist.* 5,10,3: “at mihi iam videor patria procul esse tot omnis Dardana
quot Graio Troia sub hoste fuit.”

BIBLIOGRAFIA

- AHLBERG, A. W. *Durativo Zeitbestimmungen im Lateinischen*. Lund, 1906.
- . *Studien zur spätlat[ein]sischen Mulamedicina Chironis*. Uppsala, 1909.
- BASSOLS DE CLIMENT, M., *Sintaxis histórica de la lengua latina*. 2 vols. Barcelona, 1945-1948.
- . *Sintaxis Latina*. 2 vols. Madrid, 1956.
- BIESE, Y. M. *Der spätlateinische Akkusativus absolutus und Verwandtes*. Diss. Helsingfors, 1928.
- BONNET, M. *Le latin de Grégoire de Tours*. Paris, 1890.
- BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. 4^e éd. Paris, 1946.
- BRUGMANN, K. *Kurze vergleichende Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Berlin u. Leipzig, 1933.
- CONSTANS, L. *Étude sur la langue de Tacite*. Paris, 1893.
- CORREA DA SILVA, C. E. *Ensaís sobre os latinismos dos Lusíadas*. Coimbra, 1931.
- B. Delbrück, B. *Vergleichende Syntax der indogermanischen Sprachen*. I-III. – Strassburg, 1893, 1897, 1900.
- DICHL, E. *Lateinische altchristliche Inschriften*. Bonn, 1913.
- DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Traduction fr. Paris, 1874-1876.
- ERNOUT, A.. *Aspectus du vocabulaire latin*. Paris, 1954.
- ERNOUT-MEILLET. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3^a éd. Paris, 1951.
- ERNOUT-THOMAS. *Syntax latine*. 2^e éd. Paris, 1953.
- FRIEDLAENDER, L. *Petronii Cena Trimalchionis*. 2. Aufl. Leipzig, 1906.
- GEYER, O. *Itinera Hierosolymitana saeculi IV-VIII*. Wien, 1898. Vol 39 do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*.
- GREVANDER, S. *Untersuchungen zur Sprache der Mulomedicina Chironis*. Lund, 1926.

- HOPPE, H. *Syntax und Stil des Tertullian*. Leipzig, 1903.
- JURET, P. C. *Étude grammaticale sur le latin de S. Filastrius*. Rom. Forschungen, 19, págs. 130-320. Erlangen, 1905.
- KALÉN, H. *Studia in Iordanem philologica*. Diss. Uppsala, 1939.
- KÜHNER-STEGMANN, *Ausführliche Grammatik der lateinischen Sprache Zweiter Band: As tzelehro*. 2. Aufl. Hannover, 1912-1914.
- LEVY, E. *Provenzalisches Supplement Wörterbuch*. I-VIII. Leipzig, 1894-1924.
- LINDERBAUER, B. *S. Benedicti Regula Monachorum horansgegehen und philologisch erklärt*. Mettehn, 1922.
- LINDSAY, W. M. *Die lateinische Sprache. Übersetzung von H. Nohl*. Leipzig, 1897.
- LÖFSTEDT, E. *Philologischer Kommentar-zur Peregrinatio Aetheriae*. Uppsala, 1936.
- . *Syntactica*, I²-II. Lund, 1956.
- . *Vermischte Studien zur lat. Sprachkunde und Syntax*. Lund, 1936.
- . *Zur Sprache Tertullians*. LUA, 1920.
- . *Late latin*. Oslo, 1959.
- MADVIG, J. N. *M. Tullii Ciceronis. De Finibus bonorum et malorum libri V*, rec. et enarravit J. N. Madvig, ed. secunda, Kopenhagen.
- . *Grammatica latina* (trad. port. de A. Epifânio da Silva Dias). Porto, 1872.
- MAGNE, Pe. A. *Glossário da Demanda do Santo Graal*, vol. 3°. Rio de Janeiro: INL, 1944.
- MARMORALE, E. V. *Cena Trimalchionis*. Firenze, 1955.
- MEILLET, A. *De quelques innovations de la déclinaison latine*. Paris, 1906.
- MEISTER, K. *De itinerario Aetheriae abbatisae perperam nominis Silviae addiete*. Rheinischen Muscum 64, (1909).
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes* (trad. fr.). 4 vols. Paris, 1890-1906.
- . *Die Schicksale des lateinischen Neutrums im Romanischen*. Halle, 1883.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Cantar de Mío Cid*. 3 vols. Madrid, 1944-1946.
- MOHRANANN, Chr. *L'adjectif et le génitif adnominal dans le latin des chrétiens*. In *Mélanges à J. Marouzeau*, 437-443). Paris, 1948.
- NENE-WAGENER *Formenlehre der lateinischen Sprache*. 3. Aufl. I-IV. Leipzig, 1892-1905.
- NERBERG, D. *Syntaktische Forschungen*. Uppsala, 1943.

- . *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Uppsala, 1944.
- NYROP, Kr. *Grammaire historique de la langue française*. I-VI. Copenhagen, 1903-1930.
- OORDE, W. van. *Lexicon Aetherianum*. Amsterdam, 1930.
- PAUL, H. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. 5. Aufl. Halle, 1920.
- PERROCHAT, P. *Pétrone – Le festin de Trimalcion*. 2^e éd. Paris, 1952.
- PETRÉ, H. *Èthérie. Journal de Voyage*. Paris; 1948.
- RIEMANN, O. *Études sur la langue et la grammaire de Tite-Live*. 2^e éd. Paris, 1885.
- ROHLFS, F. *Diferenciación léxica de las lenguas románicas* (trad. esp. De M. Alvar). Madrid, 1960.
- . *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. 3 vols. Berne, 1949-1951.
- RONJAT, J. *Grammaire istorique des parlers provençaux modernes*. 4 vols. Montpellier, 1930-1941.
- RÖNSCH, H. *Itala und Vulgata*. 2. Ansgabe. Marburg, 1875.
- SALONIUS, A. H. *Vitae Patrum. Kristische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz der Spätlateinischen vitae Patrum*. Lund, 1920.
- SCHURALZ-HORMANN. *Lateinische Grammatik*. 5. Aufl. Syntax und Stylistik. München, 1928.
- SCHMIDT, Joh. *Die Pluralbildungen der indogermanischen Neutra*. Wimar, 1889.
- SCHRIJNEN-MOHRMANN. *Studien zur Syntax der Briefe des hl. Cyprian*. 2 vols. Nijmegen, 1936.
- SCHULZ-GORA, O. *Altprovenzalisches Elementarbuch*. 5. Aufl. Heidelberg, 1936.
- SVENNUNG, J. *Untersuchungen zur Palladius und zur lateinischen Fach- und Volkssprache*. Uppsala, 1935.
- TIDNOR, E. *Sprachlicher Kommentar zur lateinischen Didascalia apostolorum*. Stockholm, 1938.
- TIKTIN, H. *Rumänisches Elementarbuch*. Heidelberg, 1905.
- THÖRNELL, G. *Studia Tertulliana*, I-IV. Uppsala, 1917-1926.
- TOBLER, A. *Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik*, I²-V, Leipzig, 1902, 1906, 1908, 1912.
- UDDHOLM, A. *Formulae Marculfi. Études sur la langue et le style*. Uppsala, 1953.
- Vidos, B. E. *Manuale di Linguistica Romanza* (trad. it) Archivum Romanicum n° 32. Firenze, 1959.

VOSSLER, K. *Cultura y lengua de Francia* (trad. esp. de E. Tabernig e R. Lida). Buenos Aires, 1955.

WACKERNAGEL, J. *Kleine Schriften. Herausgegeben von der Akademie der Wissenschaften zu Göttingen*. 2 vols. Göttingen, 1953.

WAGNER, M. L. *La lingua sarda*. Berne, 1951.

WAHLÉN, S. *Studia critica in declamationes minores, quae sub nomine Quintiliani foruntur*. Uppsala, 1930.

WALDE-HOFMANN. *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, 3 Aufl. Heidelberg, 1938-1954.

WARTBURG, W. von. *Évolution et structure de la langue française*, 3^e éd. Berne, 1946.

WISTRAND, E., *Vitruviusstudier*, Diss. Göteberg, 1933.